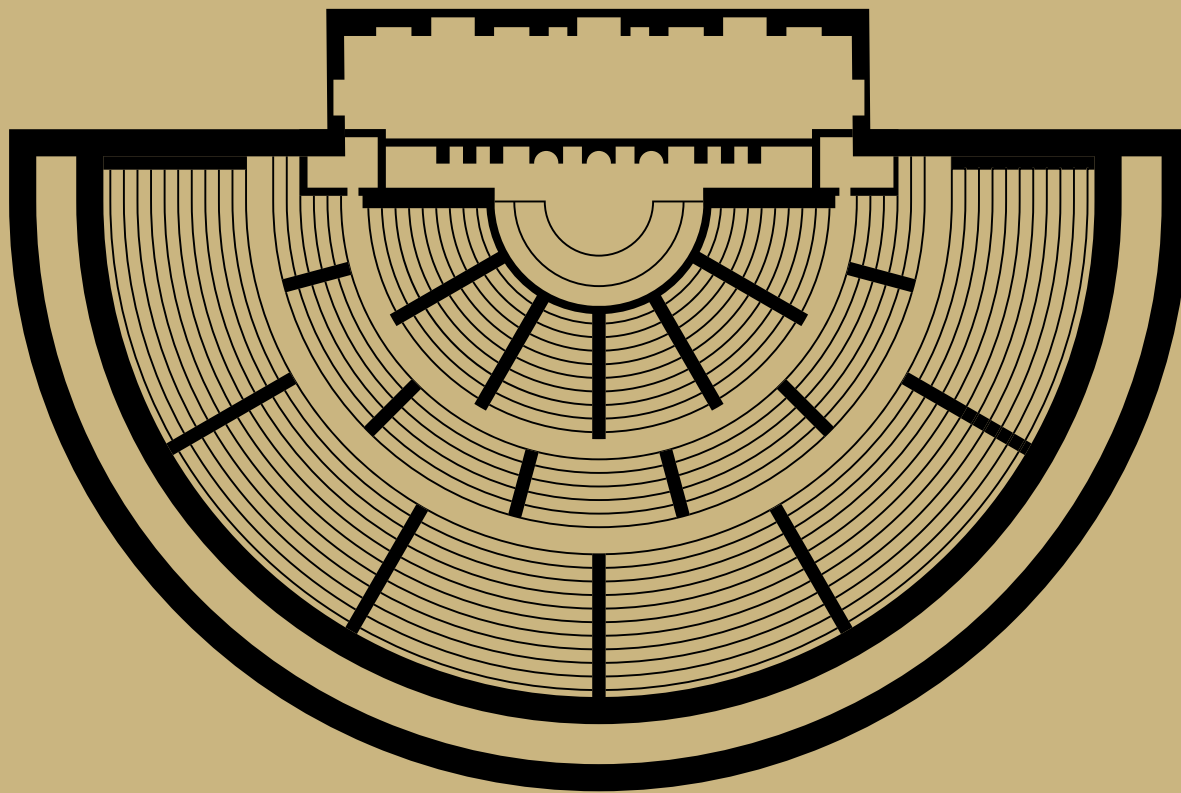


MMXXIII - 2023

SCAENA

REVISTA DO MUSEU DE LISBOA - TEATRO ROMANO



ESTUDOS



COMISSÃO
CIENTÍFICA

Amílcar Guerra

António Carvalho

Antonio Pizzo

Carlos Guardado da Silva

Joana Sousa Monteiro

Lídia Fernandes

Paulo Almeida Fernandes

Pedro C. Carvalho

Trinidad Nogales Basarrate



VOLUME IV

MMXXIII - 2023

SCAENA

REVISTA DO MUSEU DE LISBOA - TEATRO ROMANO

ESTUDOS



ÍNDICE

EDITORIAL

Scaena IV — Estudos

Joana Sousa Monteiro 4

O caminho trilhado pela revista *Scaena* e um novo volume de estudos

Lídia Fernandes. 8

TEXTOS 13

A importância dos recursos naturais do estuário do Tejo para a fixação das populações humanas

Maria José Costa. 14

A *Pompeianomania* ou uma recriação pompeiana dos anos 1920 na casa Veva de Lima, em Lisboa

Mário Nascimento. 28

Da Real Fábrica do Gelo até à Capital, Lisboa

Olívia da Costa 44

Louça vermelha pintada a branco de Carnide (Lisboa) 1550-1650

Tânia Casimiro e Carlos Boavida 50

900 anos de transformação urbana.

A intervenção Arqueológica no Largo da Atafona (Lisboa)

José Pedro Henriques, Vasco Noronha Vieira e Vanessa Galiza Filipe 60

Os unguentários do Teatro Romano de Lisboa

Elisa de Sousa e Lídia Fernandes 74

Sobre o uso de antigos locais de espetáculo

Patrícia Brum. 88

Um contexto baixo-medieval do teatro romano de Lisboa: (re)leituras a partir de novos dados

Carolina Grilo e Lídia Fernandes. 104

ABSTRACTS 139

SCAENA IV

ESTUDOS

Joana Sousa Monteiro

Diretora do Museu de Lisboa / EGEAC

Varia: a propósito da história da zona envolvente do teatro romano, de cerâmica de várias épocas, do abastecimento de gelo a Lisboa e outras matérias. Mais uma edição da revista científica *Scaena*.

Não será demais recordar o quão basilar é a investigação no quadro das funções que os museus desempenham. E porque somos instituições ao serviço da sociedade, não menos importante é a divulgação das linhas de pesquisa realizadas, seja sob a forma de narrativas expositivas, de mediação ou de edições.

O Museu de Lisboa, museu de tutela municipal sob gestão da EGEAC e que integra cinco espaços distintos, desenvolve regulares tarefas de investigação sobre as suas coleções, os seus espaços e a própria história da cidade de Lisboa, com direta correlação com as exposições de longa duração e a programação cultural e científica dirigida a diferentes tipos de público. Complementarmente, temos vindo a concretizar projetos de investigação aprofundados, invariavelmente desenvolvidos em parceria com outras entidades, universitárias e outras, com o fito na realização de exposições temporárias, de ciclos de palestras e conversas, e de publicações. As edições do Museu correspondem aos catálogos de todas as principais exposições temporárias, a par com séries de monografias e da *Scaena*, a revista científica do Museu de Lisboa - Teatro Romano, dirigida pela Coordenadora do núcleo museológico do Teatro Romano, Lídia Fernandes.

Consideramos, assim, que um dos modos de dar espaço condigno à concretização de linhas de investigação relevantes e à sua divulgação para conhecimento dos públicos é o aporte de recursos internos e externos na criação e na manutenção de linhas editoriais que promovam um melhor e mais aprofundado conhecimento das coleções do Museu de Lisboa e da infindável panóplia de temáticas relacionadas com a história, antiga e recente, da cidade.

Este é o IV volume da *Scaena* e o primeiro que dá à estampa uma coletânea de artigos de temas diversos. Os primeiros volumes espelham uma concentração em temáticas específicas: estudos sobre o Teatro Romano (volume I); atas de um colóquio de homenagem à historiadora e arqueóloga Irisalva Moita, fundadora do antigo Museu da Cidade de que o nosso Museu de Lisboa é herdeiro direto (volume II); e as publicações decorrentes de um ciclo de palestras organizado e realizado no núcleo do Teatro Romano deste museu, sob o tópico do *Rio como Horizonte - o outro palco do teatro romano* e as múltiplas relações entre a cidade e o Tejo ao longo dos tempos (volume III).

Neste caso, damos oportunidade à divulgação de diversos trabalhos de investigação sobre a zona envolvente do Teatro Romano, acerca de escavações efetuadas em áreas limítrofes, sobre bens arqueológicos com destaque para objetos cerâmicos de cronologias diversas, respeitante, também, às recentes diretivas europeias para uso público de antigos locais de espetáculo, acerca das vicissitudes do abastecimento de gelo à cidade, e, ainda, sobre o fascínio da “Pompeianomania” que influenciou a excêntrica Veva de Lima, personagem marcante das primeiras décadas do século XX lisboeta.

Esperando que este volume seja do interesse de muitos e variados leitores, manteremos, por nosso turno, a persistência na investigação e na atividade editorial, convictos do seu valor para o aprofundamento do conhecimento da nossa história e da nossa identidade cultural.





Giacomo Rizzo, instalação artística / *am another*, 2019 © José Frade, 2021.

O CAMINHO TRILHADO PELA REVISTA SCAENA E UM NOVO VOLUME DE ESTUDOS

Lídia Fernandes

Coordenadora do Museu de Lisboa – Teatro Romano / EGEAC

Este é o quarto volume da Revista *Scaena* editada pelo Museu de Lisboa – Teatro Romano.

Até ao momento foram publicados três volumes com temáticas diferenciadas que espelham uma diversidade e multiplicidade de áreas de interesse e que refletem o objetivo subjacente a esta edição do museu: o de abarcar uma pluralidade de assuntos pois a história da cidade é rica e não se compadece com aspetos parcelares da sua história, ou com fatias históricas precisas.

O primeiro volume, saído à estampa em 2020, teve como subtítulo “Estudos do Teatro Romano” precisamente porque apresentou aspetos mais diretamente relacionados com o monumento romano, não apenas das suas coleções, mas também sobre as obras de remodelação de que o espaço do museu foi alvo durante o período compreendido entre 2013 e 2015. Nesse período o então Museu do Teatro Romano encerrou para obras de remodelação, atualização de conteúdos e musealização das estruturas arqueológicas colocadas a descoberto entre 2001 e 2011 no pátio do museu e na área subjacente à atual receção.

A reabertura deste equipamento em setembro de 2015, com a nova designação de Museu de Lisboa – Teatro Romano e a sua integração na Empresa de Gestão de Equipamentos e de Animação Cultural (EGEAC E.M.) em 2016, deu uma nova vida a este espaço museográfico. A nova orientação programática, após renovação, orientou-se, precisamente, por uma aposta na divulgação de conteúdos relativos ao monumento cénico e à história da cidade, tendo a ideia de criação de uma revista estado subjacente ao objetivo de difusão de estudos

de caráter científico de uma forma acessível a público especializado mas, mais relevante, a todos os que queiram saber mais sobre o seu património, a história de Lisboa e sobre aquele que é o teatro de cronologia mais recuada em território nacional e o único monumento cénico de cronologia romana musealizado.

Dois dos volumes desta coleção compilaram aspetos temáticos que, pela sua relevância, se mostraram suscetíveis de condensar em cada um dos volumes. Incluiu-se, nesta situação, o segundo volume dedicado à apresentação das palestras proferidas no Colóquio dedicado à vida e obra da célebre olisipógrafa, museóloga e historiadora Irisalva Moita, que decorreu nos dias 19 e 20 de maio de 2019 em Lisboa, nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Lisboa e na Sociedade de Geografia de Lisboa. Figura ímpar da arqueologia nacional e, em particular de Lisboa, o papel desempenhado por Irisalva Moita na descoberta do teatro romano é de enorme relevância. O projeto de demarcação da área de salvaguarda e conseqüente projeto de aquisição dos vários edifícios que se sobrepunham ao monumento cénico, respetiva demolição e projeto de escavação foi delineado e consubstanciado pela própria, nas décadas de 1960 e 1970.

Entre 2020 e 2021, o ciclo de palestras levado a cabo no Museu de Lisboa – Teatro Romano, intitulado *O Rio Como Horizonte – o outro palco do Teatro Romano*, resultou num novo volume da Revista *Scaena*, o terceiro, que compilou os textos das apresentações realizadas no museu dedicadas ao tema mencionado. Um volume com 176 páginas que reuniu 11 palestras que, numa perspetiva diacrónica, analisaram a relevância do rio para o nascimento, crescimento e destino da cidade que hoje é Lisboa.

O novo número que agora se disponibiliza, o quarto volume da revista, é distinto dos dois últimos mencionados. Este é, pela primeira vez, um número aberto a todos os que quiseram participar e, por tal motivo, sem seguir um tema ou aspeto específico.

Apresentam-se assim, oito textos de temáticas variadas, assinadas por vários autores.

O volume começa pelo rio e pelo mar que fizeram da cidade o que hoje ela é. O tema em análise é o da sua riqueza faunística e de que modo esta foi sendo apropriada pelo homem ao longo da sua história.

Destacam-se, neste volume, os estudos de ceramologia, quer o dedicado a uma pequena coleção de unguentários do período romano identificados no próprio teatro, quer um outro, de maior fôlego, sobre peças em cerâmica comum associadas a uma estrutura do séc. XIV e proveniente também do teatro romano.

Um outro trabalho debruça-se sobre a cerâmica comum, de cronologia moderna, proveniente de intervenções arqueológicas realizadas em Carnide.

Incluiu-se, igualmente, um artigo que, não tratando especificamente de qualquer assunto sobre a cidade de Lisboa, se mostra relevante para o próprio teatro romano e para outros edifícios antigos existentes em Portugal. Trata-se da tradução da *Carta sobre o uso de antigos locais de espetáculo* aconselhada em 1998 pelo Conselho da Europa. Um conjunto de recomendações pouco conhecidas e que, pela primeira vez, se traduzem e se tornam públicas de forma menos institucional.

Outro texto, sobre o abastecimento de gelo a Lisboa, analisa de forma sucinta de que forma este abastecimento era feito e ilustra um aspeto curioso da história da cidade.

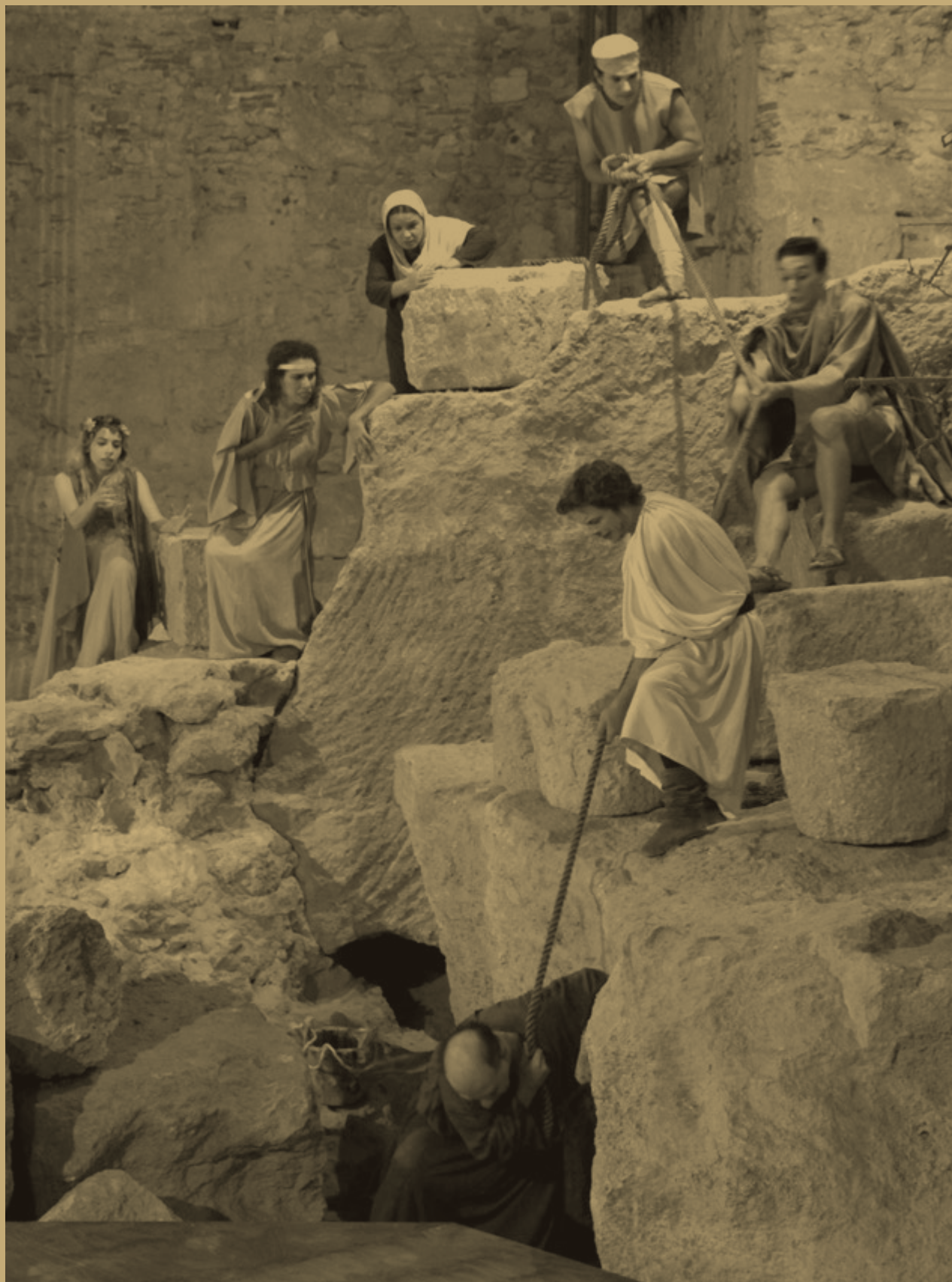
Também o tema das intervenções arqueológicas em Lisboa não foi esquecido. Apresentam-se, assim, os resultados da escavação realizada há alguns anos, no Largo da Atafona, local emblemático e muito antigo da cidade.

Por fim, uma abordagem interessante a uma personagem apaixonante dos finais do séc. XIX e inícios do séc. XX, Genoveva de Lima Mayer Ulrich, conhecida por Veva de Lima, cuja excentricidade marcou a Lisboa intelectual da época. A sua casa, hoje gerida pela Câmara Municipal de Lisboa e pela Associação com o seu nome, situada na atual Rua Silva de Carvalho, é objeto de análise neste volume, concretamente a ornamentação e cenografia recriada no seu interior por Veva de Lima. O título do trabalho é elucidativo da abordagem realizada: a “Pompeianomania”.

Um novo volume, diversificado, com temas aliciantes e curiosos que decerto prenderão a atenção dos leitores. Fala-se de Lisboa, mas também de temas transversais ao território nacional. Não podemos deixar de sublinhar o esforço feito em manter a periodicidade desta revista, assim como o seu formato em papel. Numa época em que o digital é regra, ter a teimosia de continuar a editar um periódico em papel com a qualidade física que caracteriza esta revista não deixa de nos fazer sentir orgulhosos e de acreditar que é uma opção pertinente e corajosa nos dias que correm.

A este propósito relembramos um episódio de Luís António de Azevedo, Professor Régio de gramática e latim que acompanhou em 1798 o Arqtº italiano Francisco Xavier Fabri na descoberta do teatro romano quando, pela primeira vez, os vestígios surgiram na sequência da abertura da Rua de São Mamede. Desejoso de compilar os novos dados que haviam surgido na descoberta do monumento cénico e dá-los a conhecer, assumiu a incumbência de escrever um livro inteiramente dedicado ao tema. Infelizmente, a sua publicação, que apenas se veio a concretizar em 1815, 17 anos depois da descoberta do teatro romano, apenas foi possível por subscrição pública. Não é o caso desta revista, mas acreditamos que não deixa de ser o cumprir de um desejo antigo de todos os que se têm dedicado à salvaguarda deste monumento.

Uma *Scaena* que coloca em cena novos temas, diferentes abordagens e distintas perspetivas da história de Lisboa. Desejam-se boas leituras e agradece-se a todos os autores a sua participação e o valioso contributo na concretização de mais este número da revista do Museu de Lisboa – Teatro Romano.



Peça de teatro *Misantropo*, 2017 (Maizum) © José Avelar

TEXTOS

OS UNGUENTÁRIOS DO TEATRO ROMANO DE LISBOA

Elisa de Sousa

Faculdade de Letras
- Universidade de Lisboa
Uniarq - Centro de Arqueologia
e.sousa@campus.ul.pt

Lídia Fernandes

Coordenadora do
Museu de Lisboa - Teatro Romano
/ EGEAC
lidiafernandes@egeac.pt

Estuda-se um conjunto de fragmentos cerâmicos identificados como pertencentes a unguentários recolhidos nas campanhas de escavação levadas a cabo em 2005 e 2006 no pátio do atual Museu de Lisboa – Teatro Romano. O conjunto, composto por seis peças, mostra-se relevante pela raridade deste tipo de exemplares em território nacional, mas, igualmente por praticamente toda a bacia do Mediterrâneo. Destaca-se igualmente o facto de a grande maioria dos fragmentos corresponder a unguentários de grande dimensão o que, de igual modo, é uma característica bastante rara em peças deste tipo.

I Introdução

As distintas escavações arqueológicas realizadas na área do Teatro Romano de Lisboa permitiram recuperar um amplo conjunto de estruturas e materiais que ilustram a ocupação antiga da cidade, e que se estendem desde a Idade do Ferro até ao período contemporâneo (Calado *et al.*, 2013, pp. 641-649; Fernandes, Coroado, em publicação; Fernandes *et al.*, 2013, pp. 167-185; Pimenta, 2020, pp. 47-61) (Fig. 1). Destas distintas fases de ocupação, o período do Alto Império distingue-se não só pela monumentalidade do espaço cénico e elementos arquitectónicos associados, mas também pela quantidade de artefactos que proporcionou, muitos dos quais já devidamente publicados (entre outros: Fernandes, 2013, pp. 765-773; 2017, pp. 1265-1278; 2020a, pp. 231-240; 2020b, pp. 403-421; 2020c, pp. 489-491).

Neste contexto, julgou-se pertinente divulgar um pequeno conjunto de fragmentos de unguentários cerâmicos que foi recolhido durante as campanhas de escavação mais recentes. Correspondem, no total, a seis fragmentos que foram recuperados nas intervenções realizadas entre 2005 e 2006 no pátio do actual Museu de Lisboa – Teatro Romano (Fig. 2).

Estes recipientes correspondem a uma morfologia emblemática dos repertórios artefactuais de época romana. A sua funcionalidade está vinculada a um uso sumptuário, sendo destinados a conter unguentos, perfumes e óleos perfumados, equacionando-se também a sua utilização para substâncias mais granulares, como incenso, produtos cosméticos ou medicinais (Anderson-Stojanović, 1987; Nikolić e Raičković Savić, 2006; Mortensen, 2014).

Fig. 1 – Fotografia aérea com a localização do Museu de Lisboa – Teatro Romano.
©José Barbosa





Fig. 2 – Planta dos vários espaços abrangidos pelo Museu de Lisboa – Teatro Romano e com a indicação do cronograma das campanhas arqueológicas.

© Carlos Cabral Loureiro.

Na esmagadora maioria dos casos, estes vasos apresentam dimensões reduzidas, podendo conter apenas pequenas quantidades. Contudo, foram também já documentadas algumas destas peças com maiores dimensões, podendo atingir os 60 cm de altura (Anderson-Stojanović, 1987; Huguet Enguita e Ribera i Lacomba, 2013; Sousa e Arruda 2018; Sousa *et al.*, em publicação), situação em que se incluem também vários dos fragmentos aqui analisados.

Ainda assim, as morfologias mais recorrentes dos unguentários cerâmicos são o perfil fusiforme (tipo B de Py, 1993), típico da fase romano-republicana (século II e I a.C.), com pé alto e gargalo desenvolvido, e o perfil piriforme, caracterizado sobretudo pela sua base aplanada (tipo D de Py, 1993). Este último surge

ainda durante a fase final do período republicano, prolongando-se a sua utilização até ao final do século I d.C. (Anderson-Stojanović, 1987).

Ainda que o uso de unguentários em contextos domésticos esteja bem documentado, é efectivamente nos ambientes funerários que estes artefactos atingem uma representatividade notável (Camilli, 1999), uma prática que se inicia ainda durante o período helenístico, mas que permanece ao longo de praticamente toda a fase posterior e até ao período Alto-imperial, mais concretamente entre meados e finais do século I d.C., momento a partir do qual são substituídos pelos seus homónimos de vidro (Anderson-Stojanović, 1987). A utilização de unguentários não é, ainda assim, no Ocidente, uma prática exclusivamente associada ao período romano, tendo sido documentada a sua utilização durante as fases mais tardias da Idade do Ferro. Contudo, é inegável que a difusão destes costumes e morfologias foi potenciada pelo processo da romanização da *Iberia*.

II O contexto arqueológico

2.1. A área de escavação

A intervenção do pátio do museu iniciou-se em 2001, com vista à criação do então Museu do Teatro Romano. No entanto, a intervenção realizada no pátio foi, neste ano, muito reduzida, tendo-se traduzido pela abertura de uma única vala de sondagem (vala 1), encostada ao edifício do século XIX (fachada nascente) que hoje constitui a recepção do museu (Fernandes, 2006, pp. 181-204). A intervenção mais sistemática deste espaço ocorreu nos anos de 2005 e 2006 e ainda, posteriormente, em 2010 e 2011 quando a intervenção arqueológica no interior do museu foi finalizada.



Fig. 3 – Perspectiva de poente para nascente da área do pátio do museu no decurso da escavação arqueológica com a Vala 9 já escavada. Do lado esquerdo a estrutura do *post scaenam* e, do lado direito, a Vala de sondagem 10.
© Lídia Fernandes



Fig. 4 – Perspectiva de poente para nascente da área do pátio do museu no decurso da escavação arqueológica com a Vala 9 (lado esquerdo da imagem) já escavada e a metade poente da vala 10 igualmente concluída. Observa-se neste último local, o enrocamento / alinhamento ainda *in situ*.
© Lídia Fernandes



Fig. 5 – Perspectiva de poente para nascente da área do pátio do museu integralmente escavada.
© Lídia Fernandes

O pátio, com uma área com cerca de 200m², correspondia ao antigo jardim da habitação oitocentista, onde, desde 1965, aquando do início da intervenção arqueológica do teatro romano realizada por Irisalva Moita, foram sendo depositados os muitos elementos arquitectónicos recolhidos na escavação do monumento cénico (Fernandes, 2021, pp. 44-59). Com o projecto de criação do museu o material foi transportado para novo depósito, dando-se então início à escavação do local, previamente à implementação do projecto de engenharia. Numa primeira fase, foram estabelecidas oito valas de sondagem, de variadas dimensões que abarcaram a totalidade da área e que atingiram uma profundidade variável entre 1,50 m a 2 m. As estruturas identificadas foram em reduzido número e atribuíveis à segunda metade do século XVIII e inícios do século XIX. Ainda nesta primeira fase foi identificada a grande estrutura do *post scaenam*, localizada a norte e reaproveitada nos inícios do século XIX como alicerce da fachada do actual museu. Posteriormente, numa segunda fase da intervenção, foram estabelecidas novas valas de sondagem, paralelas à estrutura romana, ou seja, de orientação nascente / poente, com cerca de 1,50 m de largura e que atingiram a quase totalidade da extensão do pátio. Estas últimas valas, em número de três, tiveram a designação sequencial de valas 9, 10 e 11. Deste modo, implantaram-se, de norte para sul, as sondagens 9, 10 e 11, tendo a primeira e metade poente da vala 10 sido intervencionadas em 2005 e a parte nascente da vala de sondagem 10, assim como parte da vala 11 sido escavadas em 2006 (Figs. 3, 4 e 5).

2.2. Estratigrafia

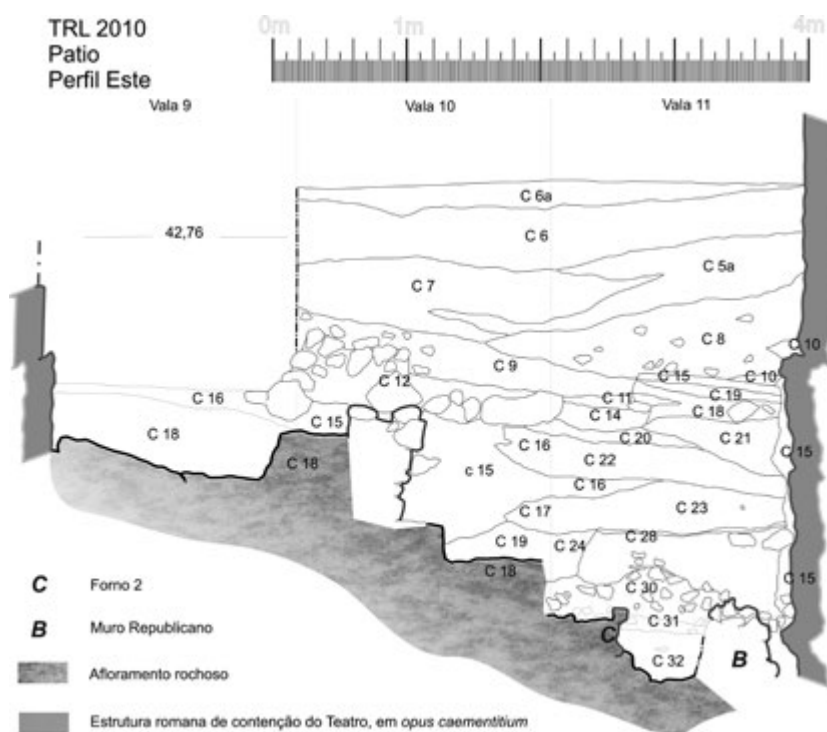
Como mencionado, as peças que se analisam são provenientes de três valas de sondagem: 4, 9 e 11 (Fig. 6). A primeira localiza-se no canto sudeste do pátio entre a parede nascente deste o muro sul de suporte do terraço, tendo sido aberta ainda na primeira fase de escavação do pátio e correspondendo a contextos posteriores ao terramoto de 1755. A vala 9 implanta-se, como referimos, ao lado da estrutura do *post scaenam* sendo-lhe contígua em todo o seu comprimento e a vala 11 situa-se junto ao muro sul, também romano como acima mencionado, e que delimita a área de escavação, e o próprio pátio, pelo lado sul (Fig. 7).

Data intervenção	Designação área	Camada	Nº Inv.	Imagem	Local (Pátio)
2005	Vala 4	11	MLTR.ARQ.0444	FIG. 8	Canto nordeste do pátio, ao lado da estrutura do <i>post scaenam</i>
2005	Vala 9	2-a	MLTR.ARQ.0443	FIG. 11	Vala de sondagem contígua e paralela ao <i>post scaenam</i>
2005	Vala 9	3	MLTR.ARQ.0441	FIG. 9	Vala de sondagem contígua e paralela ao <i>post scaenam</i>
2005	Vala 9	5	MLTR.ARQ.0445	FIG. 13	Vala de sondagem contígua e paralela ao <i>post scaenam</i>
2006	Vala 11	4	MLTR.ARQ.0446	FIG. 12	Vala de sondagem contígua ao muro romano sul (subjacente ao terraço) e paralela a ele
2006	Vala 11	16	MLTR.ARQ.0442	FIG. 10	Vala de sondagem contígua ao muro romano sul (subjacente ao terraço) e paralela a ele

Fig. 6 – Tabela de proveniência das peças em estudo – Rua de São Mamede 3B – Pátio

A peça proveniente da vala 4, corresponde assim a um dos muitos fragmentos de cronologia mais antiga que, no entanto, surgem em estratos de cronologia muito posterior não tendo, verdadeiramente, um contexto original.

Fig. 7 – Desenho do perfil nascente da área do pátio do Museu de Lisboa – Teatro Romano com a estratigrafia identificadas nas Valas de Sondagem 9, 10 e 11.
© Victor Filipe



Da vala 9 são três exemplares provenientes de três camadas distintas (camadas 2-a, 3 e 5). A primeira é universal a todas as valas de sondagem do pátio, apresentando características idênticas à camada 2, a qual integra materiais variados de cronologia romana ainda que surjam materiais de cronologia medieval, embora em reduzido número. O estrato 2-a, no entanto, de características semelhantes ao anterior, parece definir uma fronteira entre o que é de deposição pós-edificação romana, e o que é anterior. Destaca-se o estrato 5 que corresponde a argamassas desfeitas, de coloração esbranquiçada e que se sobrepunha ao “enrocamento” reconhecido longitudinalmente ao longo da vala de sondagem (acima mencionado), em contextos atribuíveis à época de fundação

do *post scaenam*, ou seja, com cronologias que não avançam além da primeira década do século I d.C. ou, muito possivelmente anterior (Sepúlveda, Fernandes, 2009, pp. 139-168). A camada 3 foi identificada por baixo da camada 2-a e essencialmente do lado nascente da vala. Possuía bastantes pedras de pequeno e médio calibre e fazia parte, como se veio a constatar com a continuação dos trabalhos, do enrocamento que foi intencionalmente colocado no local, junto ao alicerce da grande estrutura do *post scaenam*.

A vala de sondagem 11 foi a que forneceu maior número de marcas de *terra sigillata* de tipo itálico (Sepúlveda, Fernandes, 2013, pp. 59 - 72) e foi também a sondagem que atingiu níveis mais profundos, coincidindo com uma quebra natural do afloramento natural.

O estrato 4, situado a um nível bastante superior, surge associado a espólio romano, mas também, residualmente, de época medieval. Encontra-se ao mesmo nível dos estratos 2 e 2-a que havíamos referido anteriormente. Este estrato surge a um nível mais alto junto ao muro sul (que suporta o terraço), adossado a essa estrutura e não é detetável no limite nascente da sondagem. Por fim, a camada 16 localizou-se a um nível mais profundo, em contextos anteriores à época romana e muito próximo de contextos da IIª Idade do Ferro. De sublinhar que foi neste local, na parte central e do lado nascente da vala de sondagem que foram identificados contextos de época republicana (Pimenta, 2020, pp. 47-61), assim como dois fornos de produção cerâmica da IIª Idade do Ferro (Fernandes, *et al.*, 2013, pp. 167-185).

As valas 10 e 11 dispuseram-se a sul da vala 9, sendo todas paralelas ao *post scaenam*. O limite sul da escavação foi estabelecido por outra estrutura, situada a sul e que se encontra subjacente ao terraço do museu. Todo o alicerce deste terraço corresponde a uma sucessão de estruturas arqueológicas que se foram edificando e sobrepondo, sucessivamente, ao longo de séculos, sempre no mesmo alinhamento vertical. A estrutura, na sua parte inferior, mas que abrange cerca de 3 m de altura, é integralmente romana tendo sido construída através do sistema de taipais e recorrendo ao respetivo enchimento em *opus caementicium* (Fernandes, 2017, pp. 1265-1278).

A finalização da escavação do pátio ocorreu apenas em 2011. A cota mais profunda atingida no pátio, com 40,05 m (cota absoluta), correspondeu a cerca de 9 m em relação ao pavimento actual.

Esta segunda fase da escavação do local demonstrou que os dois muros que hoje delimitam o espaço são coevos, tendo ambos sido edificados aquando do teatro. Correspondem aos alicerces das grandes estruturas de contenção, localizados a sul do monumento cénico e que, de forma *sui generis*, compunham o *porticus post scaenam*.

A área em causa, coincidente com o actual pátio do museu, foi, pois, onde se implantou esta estrutura do *porticus post scaenam* (Fernandes, 2020, pp. 231-240). Na ausência de um espaço plano, esta área de lazer, presente em todos os monumentos cénicos, teve aqui uma morfologia deveras invulgar, sendo construídos diversos terraços, ou patamares, que foram alicerçando o próprio edifício ao longo da encosta e criando espaços para a circulação interna através de entradas a um nível inferior da colina e de corredores de circulação que colocariam em comunicação os vários patamares entre si.

A escavação final da área do pátio permitiu identificar, por cima do afloramento rochoso aí identificado – a uma profundidade considerável – a presença de três grandes alinhamentos pétreos, dispostos no sentido nascente / poente, de deposição intencional levando em conta a morfologia da composição, com grandes blocos dispostos em fiadas sensivelmente paralelas entre si e paralelas, por sua vez, ao muro do *post scaenam*, a norte (Fernandes, 2021, pp. 44-59; Fernandes, 2021a, pp. 36-83).

Estes “alinhamentos / enrocamentos” (Fig. 3) abrangem a totalidade do espaço e são compostos por grandes pedras, geralmente informes, sendo os espaços vazios colmatados por pedras de menor dimensão. A função destas estruturas terá sido a de dar destino à enorme quantidade de elementos pétreos que

resultaram do desbaste da pedra para a criação da silharia esquadriada usada no teatro e, em particular, da empregue nos grandes contrafortes internos que se prezenciam na estrutura do *post scaenam*. Simultaneamente, este “enrocamento” deu maior consistência aos aterros artificiais criados na vertente sul do teatro onde o monumento teve que possuir um reforço do seu alicerce dada a maior profundidade e declive da encosta.

A estrutura do *post scaenam*, assim como os patamares edificados a sul e a própria dimensão do monumento, com uma capacidade para cerca de 4.000 espectadores, terão concorrido para uma construção que marcou volumetricamente o perfil da cidade de *Felicitas Iulia Olisipo*. Uma marca propagandística cidadina que visou sublinhar a plena integração sob o novo poder naquela que foi uma das cidades portuárias mais relevantes da *Hispania* romana (Fernandes, 2013, pp. 765-773).

III

Os unguentários das escavações do Teatro Romano de Lisboa

O conjunto dos unguentários cerâmicos recolhidos nas recentes intervenções arqueológicas do Teatro Romano de Lisboa não é abundante, correspondendo apenas a seis fragmentos. Trata-se, mais especificamente, de um fragmento de bordo, um fundo, um gargalo e três fragmentos de parede. O seu estado de fragmentação é, infelizmente, acentuado, dificultando uma classificação tipológica específica.

No que diz respeito aos fabricos, as pastas dos recipientes são relativamente homogéneas, com tonalidades que variam entre o bege e o alaranjado, e muito bem depuradas, sendo difícil a identificação de elementos não plásticos, com a excepção de algumas calcites e micas, sempre de pequena dimensão e formato arredondado. A forte semelhança que apresentam com os fabricos detectados nos vasos de paredes finas itálicos de época republicana, permite equacionar uma idêntica origem para os unguentários da área do Teatro Romano, situação que ocorre também em outros conjuntos do território nacional (Sousa e Arruda 2018; Sousa *et al.*, em publicação). Contudo, a confirmação desta hipótese terá de ser realizada, no futuro, com análises arqueométricas.

Todos os fragmentos recolhidos apresentam um revestimento de tons negros ou avermelhados, que assegurava, sobretudo na área interna, a impermeabilização do recipiente, mas que adquire também uma função decorativa quando aplicada na zona exterior, situação que se verifica em pelo menos dois dos exemplares. Em todos os casos, as superfícies externas apresentam ainda claras evidências de polimento.

O fragmento de bordo (MLTR.ARQ.0444) (Fig. 8) apresenta uma morfologia atípica no quadro tipológico, não só pelas suas dimensões, mas também pelo seu lábio pendente e bastante desenvolvido. Ainda assim, esta característica surge,



Fig. 8 – Fragmento de unguentário (MLTR.ARQ.0444) da Vala 4, Camada 11. Bordo com aba
© José Avelar

Fig. 9 – Fragmento de unguentário (MLTR.ARQ.0441) da Vala 9, Camada 3. Parede
© José Avelar

Fig. 10 – Fragmento de unguentário (MLTR.ARQ.0442) da Vala 11, Camada 16. Parede
© José Avelar

Fig. 11 – Fragmento de unguentário (MLTR.ARQ.0443) da Vala 9, Camada 2-a. Parede
© José Avelar

Fig. 12 – Fragmento de unguentário (MLTR.ARQ.0446) da Vala 11, Camada 4. Fundo.
© José Avelar

Fig. 13 – Fragmento de unguentário (MLTR.ARQ.0445) da Vala 9, Camada 5. Gargalo
© José Avelar

de forma mais discreta, em peças de menor tamanho, geralmente de perfil fusiforme, não sendo, portanto, de estranhar a sua aplicação em peças de maior dimensão. Infelizmente, o contexto de recolha não permite uma atribuição cronológica específica uma vez que a cronologia da sua formação é claramente posterior.

Os três fragmentos de parede identificados não permitem uma classificação precisa, ainda que dois pareçam corresponder a perfis mais fusiformes (MLTR.ARQ.0441 e MLTR.ARQ.0442) (Figs. 9 e 10), e o restante a um perfil piriforme (MLTR.ARQ.0443) (Fig. 11). Duas destas peças foram recolhidas em níveis alto-imperiais (MLTR.ARQ.0443, MLTR.ARQ.0441), sendo relevante assinalar que a restante (MLTR.ARQ.0442) é proveniente de um nível anterior à construção do edifício, podendo atribuir-se uma cronologia romano-republicana.

O fundo (MLTR.ARQ.0446) (Fig. 12) apresenta um pé anelar, pouco desenvolvido, e a orientação da parede anuncia, também neste caso, um perfil do corpo mais fusiforme. Infelizmente, não foi possível associar a esta peça uma datação contextual.

O último fragmento corresponde a um gargalo e arranque do corpo (MLTR.ARQ.0445) (Fig. 13) sendo, neste caso, impossível determinar o perfil da peça. O seu contexto arqueológico, não sendo posterior à primeira década do século I a.C., também não auxilia numa datação mais concreta, uma vez que se trata justamente da fase de convivência das duas morfologias mais recorrentes dos unguentários cerâmicos.

Apesar da escassez do conjunto e do seu elevado estado de fragmentação, um aspecto que sobressai é o facto de a grande maioria dos fragmentos corresponder a unguentários de grande dimensão. Estas peças são, efectivamente, raras não só no território português, mas também em praticamente toda a bacia do Mediterrâneo. Com efeito, exemplares com tamanhos similares surgem apenas, até ao momento, em Stobi (Anderson-Stojanović, 1987), Pompeia (Bustamante-Álvarez *et al.*, 2018), Arles e Valência (Huguet Enguita e Ribera i Lacomba, 2013), ainda que alguns exemplares com dimensões semelhantes tenham sido identificados também no território português, concretamente na Alcáçova de Santarém (Sousa e Arruda, 2018, fig. 4 - 5) e no Monte Molião (Sousa *et al.*,

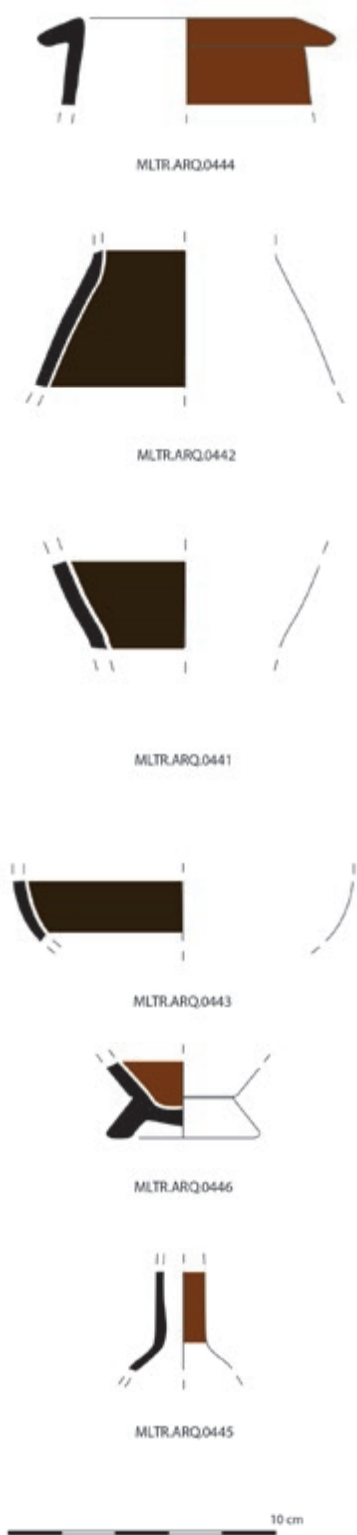


Fig. 14 – Desenho dos unguentários recolhidos nas escavações do Teatro Romano de Lisboa. © Elisa de Sousa

em publicação). Esta situação anómala poderá talvez relacionar-se diretamente com o espaço em que estes fragmentos foram recolhidos, como será desenvolvido no próximo ponto deste trabalho.

Uma outra questão pertinente na análise do conjunto diz respeito à quantificação dos exemplares. O facto de cada um dos fragmentos ter sido recolhido numa unidade estratigráfica distinta permite contabilizar seis indivíduos (NMI). Contudo, não é impossível que alguns destes fragmentos possam ter correspondido a uma mesma peça, que, em fases posteriores à sua inutilização, se tenha dispersado por várias camadas. Ainda assim, e atendendo unicamente a aspetos morfológicos, estaríamos perante um mínimo de três exemplares: um de pequena dimensão - MLTR.ARQ.0445 (Fig. 11); e dois de grande dimensão, de perfil fusiforme - MLTR.ARQ.0441/ MLTR.ARQ.0442 (Figs. 8 e 9) (ao qual poderia também pertencer o fragmento de fundo - MLTR.ARQ.0446) (Fig. 11) e piriforme - MLTR.ARQ.0443 (Fig. 10). O único bordo recolhido poderia integrar qualquer destas últimas duas peças.

Sobre a cronologia destes materiais, os poucos dados contextuais mais seguros que temos à disposição asseguram a sua utilização entre o período romano-republicano (a partir do último terço do século II a.C.) e o Alto-Império (fase centrada sobretudo entre o final do século I a.C. e o início da nossa era). Da fase mais antiga contamos apenas com uma peça de perfil aparentemente fusiforme, de grande dimensão, verificando-se, na fase mais recente, a presença de peças de perfil fusiforme e talvez também piriforme, situação que não é de estranhar, atendendo que este corresponde ao momento de convivência entre as duas morfologias mais recorrentes dos unguentários cerâmicos (Anderson-Stojanović, 1987).

IV Discussão e considerações finais

A difusão de unguentários cerâmicos no Ocidente da Península Ibérica é relativamente frequente, quer em contextos domésticos, quer em contextos funerários (Sousa *et al.*, em publicação). Ainda assim, os conjuntos identificados até ao momento não são particularmente numerosos, destacando-se, contudo, neste âmbito, os repertórios que têm vindo a ser publicados da área do estuário do Tejo.

Com efeito, o maior conjunto de unguentários cerâmicos do território português divulgado até à data foi recolhido nas diversas intervenções realizadas na Alcáçova de Santarém, totalizando 30 indivíduos (65 fragmentos) (Sousa e Arruda, 2018). A longa diacronia do sítio, assim como a conservação dos níveis referentes à fase romana da sua ocupação, datados sobretudo entre o século I a.C. e a centúria seguinte, e coincidente com o apogeu da difusão destes recipientes, justificam esta representatividade. A própria morfologia dos exemplares escalabitanos, bem distribuídos pelas morfologias fusiformes e piriformes (tipos B e D de Py 1993), para além do já referido fragmento de maior dimensão, é representativa dessa longa diacronia.

Ainda assim, as descobertas no território da antiga *Olisipo* são também significativas. No âmbito dos contextos domésticos, cabe referir a identificação de um fragmento de unguentário de perfil fusiforme, possivelmente de origem itálica, em níveis datados do terceiro quartel do século II a.C. (Mota *et al.*, 2015). Para fases mais recentes, conhecem-se outros dois exemplares, já de perfil piriforme, recolhidos em estratos de meados do século I d.C. escavados na Rua dos Remédios, aparentando ser, também neste caso, de origem centro-mediterrânea (Silva, 2015). Os exemplares das escavações do Teatro Romano permitem agora complementar estas informações, atestando o uso desta morfologia em *Olisipo* ao longo de todo o período romano, ainda que, a partir do século I d.C., as formas cerâmicas tenham sido progressivamente substituídas pelas vítreas.

A utilização de unguentários cerâmicos é também expressiva nos contextos funerários publicados até ao momento do Ocidente Peninsular, com particular destaque para o conjunto da Rua dos Correeiros, datado entre o último quartel do século I a.C. e a fase inicial do século I d.C. (Bugalhão *et al.*, 2013). Trata-se, juntamente com os dados da necrópole de Alcácer do Sal (Gomes e Alves, 2017), dos conjuntos mais expressivos da fachada ocidental atlântica. No caso da Rua dos Correeiros, os 18 exemplares correspondem a importações provavelmente itálicas, tendo sido exclusivamente identificadas peças de perfil piriforme, mais concretamente dos tipos D1 e D2 de Py (Bugalhão *et al.*, 2013).

A característica mais interessante e diferenciadora do conjunto de unguentários recuperado no Teatro Romano é, sem dúvida, o facto de a maioria dos fragmentos corresponder claramente a peças de grande dimensão. Como já se referiu anteriormente, trata-se de uma ocorrência rara em toda a bacia mediterrânea e, mesmo no âmbito nacional, peças semelhantes registam-se, até ao momento, apenas no Monte Molião (Sousa *et al.*, em publicação) e na Alcáçova de Santarém (Sousa e Arruda, 2018), totalizando apenas dois exemplares.

No primeiro destes últimos dois casos, o contexto de recolha corresponde ao enchimento de uma fossa, possivelmente como lixeira, não sendo particularmente relevante. Contudo, no caso escalabitano, o fragmento de unguentário de grande dimensão foi recuperado na área do Templo Romano, construído durante o último quartel do século I a.C., tendo sido equacionada a sua associação a oferendas ou rituais desenvolvidos na esfera religiosa (Sousa e Arruda, 2018).

O facto de todos os unguentários de grande dimensão apresentados neste trabalho terem sido recuperados também na área de um edifício público monumental poderá, uma vez mais, sugerir funções mais particulares, não apenas de cariz ritual, mas talvez mesmo enquadradas nas actividades desenvolvidas – *sparsiones* (Bustamante-Álvarez e Ribera i Lacomba 2020, p. 28).

Com efeito, além do *velarium* que protegia da canícula, podiam existir nos teatros estátuas e fontes que jorravam água, por vezes perfumada. Não podemos esquecer que “L'odore acre del sudore che si mescolava a quello degli aliti pesanti di aglio e alla flatulenza dovuta ai farinacei assai profusi nell'alimentazione di base dei romani” (Savarese, 1996, p. LIX).

Séneca, nas *Naturales Quaestiones* (II, 9) e nas *Controversiae* (I, 5) refere que existiam duas tipologias de *sparsiones*: uma de água perfumada espalhada na areia para cobrir o odor de sangue, aplanar o solo e limitar o levantamento da

pó, e outra de águas odorosas e de perfumes que caíam sobre os espectadores em forma de chuvinha para que o calor e os odores acres das outras pessoas se tornassem mais suportáveis.

Na *Historia Augusta* (*Adriano*, XIX) menciona-se que no Coliseu foi realizado um sistema de canalizações que conduzia água perfumada com rosas até às bancadas superiores vaporizando-a. Há, deste modo, contextos pragmáticos para a presença de *sparsiones* de águas e líquidos vários. No que respeita a actos simbólicos, decerto que, à semelhança do que se presenciava nos cultos funerários e nas práticas honoríficas, os rituais de libação incluíam na maior parte dos casos a utilização de unguentários com líquidos vários. Não podemos esquecer que a chegada e entrada no recinto do teatro correspondia a um rito processional e, desse modo, o agradecimento aos deuses poderia ser materializado pelo simbolismo da aspersão das individualidades mais proeminente que assistiam aos espectáculos ou que os haviam oferecido. Desta forma, poderia equacionar-se a possibilidade de, pelo menos uma parte do conjunto dos unguentários de grande dimensão recuperada durante as escavações do teatro romano de Lisboa, estar destinada a conter essências perfumadas que posteriormente seriam misturadas com outros líquidos e utilizadas nas *sparsiones*.

No entanto, no caso do fragmento de menor dimensão, deve assinalar-se a sua associação aos contextos de construção do edifício monumental, podendo relacionar-se com rituais fundacionais celebrados nessa ocasião. Permanecemos, também aqui, em contextos rituais por demais habituais. Sublinhamos igualmente o aparecimento de uma pequena estatueta em bronze, datável do século III a.C., mas tendo por modelo originais gregos do século VIII a.C. (Fernandes, Pinto, 2009, pp. 169-188).

Uma última referência é necessária sobre a possível origem destes recipientes. Como já foi referido anteriormente, as características das pastas e, sobretudo, a sua semelhança com outras produções (vasos de paredes finas), permite propor que estes recipientes terão sido importados da Península Itálica. Trata-se de uma situação que é praticamente comum a todos os exemplares documentados, até à data, na zona do estuário do Tejo (Bugalhão *et al.*, 2013; Mota *et al.*, 2015; Silva, 2015; Sousa e Arruda, 2018). Esta predominância dos produtos itálicos nesta zona central da costa norte-atlântica contrasta, de certa forma, com o panorama verificado no sul do Algarve, onde se observa uma maior representatividade de produtos da Andaluzia meridional (Sousa *et al.*, em publicação). Trata-se, contudo, de uma tendência verificada também em outras categorias cerâmicas, particularmente no quadro dos repertórios artefactuais de época romano-republicana, com a notável excepção dos contentores anfóricos, representando os produtos gaditanos e do Baixo Guadalquivir um peso muito significativo das importações de bens alimentares da área tagana (para uma síntese recente ver Filipe, 2018).

Assim, apesar da escassa representatividade quantitativa do conjunto aqui apresentado, e das limitações impostas pelo seu estado de conservação, o conjunto dos unguentários cerâmicos do teatro de Lisboa apresenta aspectos de inegável pertinência para a reconstrução da ocupação romana da cidade. Com efeito, para além de permitir alargar o *corpus* destes emblemáticos recipientes identificados na malha urbana, e de reforçar as pautas da sua difusão e romanidade no Extremo Ocidente, a sugestiva hipótese da sua (parcial) associação a práticas específicas realizadas por ocasião de eventos públicos possibilita uma interessante aproximação ao quotidiano da antiga *Felicitas Iulia Olisipo*.

Bibliografia

- ANDERSON-STOJANOVIĆ, Virginia (1987)** - The Chronology and Function of Ceramic Unguentaria. *American Journal of Archaeology*, 91-1, pp. 105-122.
- BUGALHÃO, Jacinta; ARRUDA, Ana Margarida; SOUSA, Elisa; DUARTE, Cidália (2013)** - Uma necrópole na praia: o cemitério romano do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 16, pp. 243-275.
- BUSTAMANTE-ÁLVAREZ, Macarena; JAVIER HERAS, Francisco; HUGUET, Esperança; PILAR IBORRA, Maria; MALIGNAS, Adrien; PRINCIPAL, Jordi; RIBERA, Albert (2018)** - Via degli Augustali VII, 4, 28: una fosa singular de mediados del siglo II a.C. en Pompeya. *Empúries*, 57, pp. 85-118.
- BUSTAMANTE-ÁLVAREZ, Macarena; RIBERA I LACOMBA, Albert (2020)** - Production Monuments and Areas in a Big House in Pompeii: The House of Ariadne from the 2nd Century BC to AD 79. In HODGKINSON, A. K.; TVETMARKEN, C. L., (Eds.) - Approaches to the Analysis of Production Activity at Archaeological Sites. Oxford: *Archaeopress Archaeology*, pp. 25-38.
- CALADO, Marco; PIMENTA; João; FERNANDES, Lúcia; FILIPE, Victor (2013)** - Conjuntos cerâmicos da Idade do Ferro do teatro romano de Lisboa: as cerâmicas de engobe vermelho. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César, (Eds.) - *Arqueologia em Portugal: 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 641-649.
- CAMILLI, Andrea (1999)** - *Ampullae. Balsamari ceramici di età ellenistica e romana*, Roma.
- FERNANDES, Lúcia (2006)** - O Teatro de Lisboa – intervenção arqueológica de 2001. *III Jornadas Cordobesas de Arqueologia Andaluza – Los Teatros Romanos de Hispânia* (Córdoba, 12-15 novembro 2002). Córdoba, pp. 181-204.
- FERNANDES, Lúcia (2013)** - Teatro romano de *Olisipo*: a marca do novo poder romano. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César, (Eds.) - *Arqueologia em Portugal: 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 765-773.
- FERNANDES, Lúcia (2017)** - Aspetos construtivos do teatro romano de Lisboa: matérias-primas e técnicas edificativas. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César, (Eds.) - *Arqueologia em Portugal: Estado da Questão*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1265-1278.
- FERNANDES, Lúcia (2020)** - El *post scaenium* del teatro romano de *Felicitas Iulia Olisipo* / Lisboa. RAMALLO ASENSIO, Sebastián, VALDERAS, Elena Ruiz, (Eds.) - *La porticus post scaenam en la Arquitectura Teatral Romana*, Actas del *Symposium Internacional*. Universidad de Murcia, Fundación Teatro Romano de Cartagena, pp. 231-240.
- FERNANDES, Lúcia (2020a)** - O *Theatrum* de *Felicitas Iulia Olisipo*. In FERNANDES, Lúcia; FERNANDES, Paulo Almeida, (Coords.) - *Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo*: A capital urbana de um município de cidadãos romanos - espaço(s) de representação de cidadania. IV Lisboa: Câmara Municipal, pp. 26-51.
- FERNANDES, Lúcia (2020b)** - El teatro romano de Lisboa / *Olisipo*. consolidación de un proyecto de arqueología urbana. MATEOS CRUZ, Pedro; PALMA GARCÍA, Félix, (Eds.) - *Actas del Congreso Internacional la Arqueología Urbana en las Ciudades de la Hispania Romana: proyectos integrales de investigación, conservación y Difusión, Memoria 2*, pp. 403-421.
- FERNANDES, Lúcia (2020c)** - Reconversión de espacios monumentales: el caso del teatro romano de Lisboa / *Felicitas Iulia Olisipo*. MATEOS CRUZ, Pedro; MORÁN SÁNCHEZ, Carlos Jesús, (Eds.) - *Exemplum et Spolia. La Reutilización arquitectónica en la transformación del paisaje urbano de las ciudades históricas*. MYTRA, 7, volumen II, Mérida: pp. 483-491.
- FERNANDES, Lúcia (2021)** - O Teatro Romano. Sua descoberta e caracterização arquitetónica. *Guia do Museu de Lisboa – Teatro Romano*. Lisboa: Museu de Lisboa – Teatro Romano, pp. 36-83.
- FERNANDES, Lúcia (2021a)** - Irisalva Moita e o processo de escavação do teatro romano. *Revista Scaena. II. Colóquio Irisalva Moita, vida e obra*, Lisboa: Museu de Lisboa – Teatro Romano, pp. 44-59.

- FERNANDES, Lúdia; COROADO, João (em publicação)** - Novos dados sobre a ocupação pré-romana do teatro romano de Lisboa: proveniência das produções cerâmicas dos sécs. IV e III a.C. (campanha arqueológica de 2010). 8º Encontro de Arqueologia do Algarve *A Arqueologia e as outras Ciências*, Silves, 21-23 Outubro 2010.
- FERNANDES, Lúdia; PINTO, António Nunes (2009)** - Sobre um bronze zoomórfico do teatro romano de Lisboa. Consagração de um monumento ou ocupação ancestral de um espaço. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 12, nº 1, pp. 169-188.
- FERNANDES, Lúdia; PIMENTA, João; CALADO, Marco; FILIPE, Victor (2013)** - Ocupação sidérica na área envolvente do Teatro Romano de Lisboa: O Pátio do Aljube. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 15, pp. 167-185.
- FILIPE, Victor (2018)** - *Olisipo, o grande porto da fachada atlântica. Economia e comércio entre a República e o Principado*. Dissertação de Doutoramento Inédita. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- GOMES, Francisco; ALVES, Catarina (2017)** - The final phases of the Olival do Senhor dos Mártires necropolis (Alcácer do Sal, Portugal): the Roman Republican Material. *Spal*, 26, pp. 87-111.
- HUGUET ENGUITA, E.; RIBERA I LACOMBA, A. (2013)** - Los unguentários. A. RIBERA I LACOMBA, Albert, (Coord.) - *Manual de cerâmica romana. Del mundo Helenístico al Imperio Romano*, Madrid: pp. 191-213.
- MORTENSEN, Jenna (2014)** - *The implications of content analysis for the interpretation of Unguentaria in Museum Collections* (Master thesis - University of Wisconsin-Milwaukee).
- MOTA, Nuno; PIMENTA, João; SILVA, Rodrigo Banha da (2015)** - Acerca da ocupação romana republicana de *Olisipo*: os dados da intervenção na Rua do Recolhimento n.ºs 68-70. *Cira-Arqueologia*, 3, pp. 149-177.
- NIKOLIĆ, Snezana; RAIČKOVIĆ SAVIĆ, Angelina (2006)** - Ceramic balsamaria-bottles: the example of Viminacium, *Starinar*, 56, pp. 327-336.
- PIMENTA, João (2020)** - Antes do teatro. A cidade de *Olisipo* no período romano republicano. *Revista Scaena*. Vol. I, Lisboa: Museu de Lisboa – Teatro Romano, pp. 47-61.
- PY, Michel (1993)** - *Unguentariums. Dictionnaire des céramiques antiques (Ville s. av.n.e. – VII s. de n. e.) en Méditerranée nord-occidentale*, Lattes (*Lattara* 6), pp. 581-584.
- SAVARESE, Nicola (1996)** - *Teatri romani: gli spettacoli nell'antica Roma*, Il Mulino, Bologna.
- SEPÚLVEDA, Eurico; FERNANDES, Lúdia (2013)** - Teatro romano de *Felicitas Iulia Olisipo*: la *sigillata* de tipo itálico decorada (campanhas 2005-2006). Congreso Internacional de la SECAH: Hornos, talleres y focos de producción alfarera en Hispania (Cádiz 3-4 de Marzo de 2011). *Monografías ex officina hispana*. Tomo II. Cádiz, pp. 59 – 72.
- SEPÚLVEDA, Eurico; FERNANDES, Lúdia (2009)** - As marcas em *terra sigillata* de tipo itálico do teatro romano de Lisboa (campanhas 2005/2006). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 12, nº 1, pp. 139-168.
- SILVA, Rodrigo Banha da (2015)** - O contexto alto-imperial da Rua dos Remédios (Alfama - Santa Maria Maior, Lisboa): vidros, cerâmicas e análise contextual. *Contextos estratigráficos na Lusitania*, Lisboa: AAP, pp. 41-68.
- SOUSA, Elisa de; ARRUDA, Ana Margarida (2018)** - Ceramic unguentaria from Scallabis (Santarém, Portugal). *Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta*, 45, pp. 47-54.
- SOUSA, Elisa de; FERNANDES, Lúdia (2019)** - A cerâmica de tipo *Kuass* das escavações do teatro romano de Lisboa. *Conimbriga*, vol. LVIII, Coimbra, pp. 101-126.
- SOUSA, Elisa de; PEREIRA, Carlos; ARRUDA, Ana Margarida (em publicação)** - Ceramic unguentaria in the Far West of the Roman Empire: an overview.

FICHA TÉCNICA

Edição

EGEAC, EM I Museu de Lisboa – Teatro Romano

Coordenação editorial

Lídia Fernandes

Textos

Carlos Boavida

Carolina Grilo

Elisa de Sousa

Lídia Fernandes

José Pedro Henriques

Maria José Costa

Mário Nascimento

Patrícia Brum

Olívia da Costa

Tânia Casimiro

Vanessa Galiza Filipe

Vasco Noronha Vieira

Projeto gráfico

atelier-do-ver

Revisão e edição de texto

Carolina Grilo, Lídia Fernandes, Patrícia Brum

Impressão

Rigor das Cores - Impressão Gráfica Lda.

Tiragem

500 exemplares

ISSN

2184-6979

Ano

2023

Depósito Legal

465402/19



**MUSEU
DE LISBOA**

**PALÁCIO
PIMENTA**

**SANTO
ANTÓNIO**

**TEATRO
ROMANO**

**CASA DOS
BICOS**

**TORREÃO
POENTE**

Um museu. Cinco lugares. One museum. Five places.